



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/carta-a-k/>

Carta a K

Juliana Pautilla[1]

Resumo: Ensaio epistolar endereçado à uma amiga. As cenas da peça teatral, “Atotô - Silêncio! O rei está na terra”, da Cia. Odara, assistida no Teatro Oficina, em São Paulo, funcionam como disparadores para articular amizade e a marca de abusos nas infâncias desde as presenças na peça: Obaluaê (ferida-cura) e Exu (passagem para a fala). O ensaio, ao modo associativo e composicional, atravessa percepções e vivências fazendo referências a possibilidades contra violentas na arte e na clínica, sustentando esta última como fronteira-encruzilhada, espaço possível para distanciamento da cena de violência de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Psicanálise. Encruzilhada. Fronteira. Ferida.

Una carta a K

RESUMEN: Un ensayo epistolar dirigido a una amiga. Escenas de la obra "Atotô - ¡Silencio! El Rey está en la Tierra", de Cia. Odara, presentada en el Teatro Oficina de São Paulo, sirven como detonantes para articular la amistad y las cicatrices del abuso infantil, comenzando con los personajes de la obra teatral: Obaluaê (herida-curar) y Exu (pasaje al habla). El ensayo, de manera asociativa y compositiva, recorre percepciones y experiencias, haciendo referencia a las posibilidades de contraviolencia en el arte y la práctica clínica, apoyando esta última como frontera-encrucijada, un posible espacio para distanciarse del escenario de la violencia la violencia de género.

PALABRAS CLAVE: Arte. Psicoanálisis. Encrucijada. Frontera. Herida



Querida K

A vontade de te escrever aconteceu ali mesmo no escuro da plateia, quando trocamos olhares para partilhar a força da cena naquele palco-terreiro de Zé Celso, o Teatro Oficina[2]. Sentadas lado a lado em uma das arquibancadas, a iluminação de ribalta que vinha da plateia oposta rebatia em nós e fazia brilhar nossas lágrimas. Encontro de lágrimas ou o brilho de nossos olhares que se derretiam em líquidos. Foi ali que formulei as primeiras palavras desta carta: Querida k., Obaluaê é como sua escrita, um testemunho desde a ferida.

Saí dali com a vontade imperativa de te escrever e prometi a mim mesma, em silêncio, que leria novamente sua tese, que agora ganhou formato de livro. Tenho uma amiga escritora, pensei, e hoje choramos juntas. Em “Testemunho desde a ferida” (2024) você teve a coragem de falar sobre o abuso desde uma delicadeza absurdamente radical. Estar ao seu lado é ao mesmo tempo relembrar essas marcas e assim nos curamos compartilhando nossas existências.



Fig 1 - Atotô - Silêncio! O rei está na terra”, da Cia. Odara. Divulgação.

No espetáculo a narradora nos contava: Obaluaê nasceu com feridas no corpo devido ao abandono e conflito com seus pais, Nanã e Oxalá. Iemanjá cuidou da criança e a ensinou a curar doenças e superar as adversidades da vida. Quando jovem, em uma festa na casa de Iansã, estava com vergonha de suas feridas, por isso as cobria com palhas. Iansã ao ver aquilo, com sua dança-magia



transformou as feridas de Obaluaê em pipoca. Na cena do espetáculo, houve uma chuva de pipocas. Um *Deus Ex Machina* singelo, para dizer da força de uma transmutação.

Quem abriu o espetáculo, você lembra bem, foi Exu. Uma figura altiva atravessou a passarela-palco para permitir então que a mensagem chegasse até nós: Atotô, silêncio, é hora de escutar. Pensei em nosso ofício, esse da escuta, ser passagem para que a palavra encontre caminhos, outra marca que nos conecta. O silêncio e o encontro permitem que as mensagens sejam destinadas, assim como esta carta é destinada a você ou a tantas de nós. Imagino uma espiral de letras, de palavras soltas, de imagens sem encaixe. Há que se entrar nessa espiral, você sabe bem, para que as conexões se façam. É que Exu se manifesta, como fala Simas (2019, n.p.) “na alteridade da fala e na afluência das encruzilhadas”.

No início da minha análise pessoal, e ainda hoje isso - essa coisa - é falada de algum modo. Falo, falo, falo e quando percebo está ainda lá a ressonância da violência. As palavras e seus modos de falar criam campos de elaboração transformando a ferida na força vital, que inclusive me faz escrever. No início do meu processo analítico, eu sonhava repetidamente com alguns homens. Cada sonho mudava de atmosfera, mas eles estavam sempre lá. Até o dia em que o analista pontuou: quatro. Eram sempre quatro homens que estavam nos sonhos. E fui nomeando cada um deles, lembrando.

No início deste mesmo processo analítico, estava criando um espetáculo. Na dramaturgia eu pesquisava um patriarcado genérico, tentava decifrar o que era a violência aos corpos femininos. Foi gaguejando, balbuciando e em análise que percebi que o texto não era a fala de uma personagem, mas era a minha história atravessada por esses quatro homens. Processo analítico e processo criativo se conectavam. Apresentei essa performance, nomeada Exília, de 2019 a 2022. Era uma proposta de testemunho público, maneira também possível para curar minhas angústias

Em 2023 eu te conheci k., e tenho então contato com seus textos, e encontrei ali uma perspectiva de abertura a essa condição. Como você diz, exercício possível da “criação de uma palavra aberta” (Acosta, 2024, p. 100). Em Exília eu dizia: “preciso de outras possibilidades de pele” (Pautilla, 2022, p 15). Obaluaê esconde as feridas com a palha, lansa as transforma em pipoca numa festa. A festa.



É necessário ser alegre para a potência de transformação. Agora eu entendo que minha história não é deles. Posso e podemos inventar nossas festas.

Você diz querida K (Acosta, 2014, p.85) que “é preciso produzir um processo de desidentificação da figura do agressor e devolvê-lo ao agenciamento que faz parte, para quem sabe, assim poder afirmar que estamos todos entrelaçados e carregamos em algum grau essa carga, em dimensões moleculares e micropolíticas”. Na minha caminhada, caí no sofrimento, na ansiedade de ter que fazer ou ser alguma coisa que me levava sempre para o identificador. Um eu mulher, subalternizado e rígido na condição de seguir um modelo colonial. Não sabia que desejava sair dessa condição porque eu não entendia o que era essa condição. Me perguntava se esse sofrimento vindo do abuso e das ausências diziam: é assim mesmo que é. Falava com o sofrimento como quem fala com os pais ausentes, falava com a sombra sem voz própria. Com o passar do tempo, lendo você e outras corpos, escutando minha voz, fui tateando um sabor de liberação. Liberação da violência que você muito bem elabora. Iemanjá-iansã de si, você pipocou suas próprias feridas. Pipocou com a ideia de que é necessário sair da cena do abuso. Você fez isso tudo com carinho, cariña k. Não se furtou ao teu nome.

A arte pode afirmar sua posição contra violenta. Esta semana fui ver a exposição de Francis Bacon: a beleza da carne (2024) e a tela “Jato d’água” me impactou. Na descrição da obra indicava que Deleuze ao analisar a obra em *A lógica da sensação* (2007) supõe o jato como uma grande ejaculação, como a reminiscência de um corpo que deixa um rastro. Será que Bacon fez uma dobra? Riu da cara dos caretas com sua pintura, jorrando seus líquidos no espaço público? Denunciando o Estado totalitário que incidia sua proibição mortífera? Bacon fez a tela em função de uma exposição na União Soviética em 1988, onde a homossexualidade era criminalizada. Bacon num ato estético de contra violência dá outro destino a essa porra toda.



Fig 2 - *Jato d'água* (1988). Óleo sobre tela. Francis Bacon (1909-1992). Divulgação.

Lembrei de uma piada, uma gargalhada para espalhar as más energias: um amigo carioca, tijucano bonachão me chama jocosamente de Julia Ellen, clichê de um nome composto. Por causa de seus tantos *xish*, marca da *carioquice*, o apelido virou inevitavelmente Xulia Ellen. Logo reivindiquei autoria ao apelido: Xulia não, Exulia. A brincadeira se instaurou, um saber se fez: de Exília para Exulia, me tornei passagem, saí do exílio e habitei a fronteira. Lembrança corpórea do porquê Gloria Anzaldúa é tão importante para mim. Por sua carta publicada “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo” (2000) que nos convida ao ato rebelde de escrever, pela sua proposição *Nepantlera*, a consciência *mestiza* que habita a fronteira. Essa autora nos ensina a habitar a fronteira. Como Exu que nos ensina pela encruzilhada. Não seria essa fronteira-encruza, um espaço clínico por excelência? Saída para as dicotomias e binarismos coloniais? Vítima-agressor, mulher-homem, primitivo-civilizado? Luis Rufino diz (2021, p. 27)

A encruzilhada é aquele lugar que você oferta algo, atravessa de alguma maneira e é alterado, sofre-se um efeito de dinamização.



Essa é a capacidade de Exu enquanto *Enugbarijo*, aquele que engole de um jeito e devolve, vomita de maneira completamente alterada. Isso está expresso no Odu de Ifá, em narrativa que nos conta que Exu engoliu o mundo e o reconstruiu, revitalizou com seu vômito.

Não existe virada clínica sem virada linguística. Fanon (Apud Rufino 2021, p. 24) “nos chamou a atenção: não existe virada epistemológica que não seja uma virada linguística. Não existe virada epistemológica que não seja um reposicionamento corporal”. Novas nomeações produzindo outro corpo. Retomando a força vital pela palavra deslocando de uma cena de exílio para uma cena de passagem, de diálogo com o mundo. A minha análise pessoal que me transmutou analista? Acho que sim.

Exu e Obaluaê se encontraram no espetáculo. Do silêncio que se faz abertura e confiança, de não-se-saber-do-caminho ao tempo necessário para cuidar das próprias feridas. Movimento clínico.

Estou aqui amiga, ainda a sentir as presenças, da gente ali, juntas, no espetáculo ou no samba, escutando os tambores e os cantos que espantam a tristeza, sabendo da dor, mas não se rendendo a ela. A vibração sonora, alinhada ao cosmos, move todas as partículas do nosso corpo. Chacoalha a coluna, reverbera nos ossos, adentra o sanguíneo. Tudo se move. Os líquidos e as lágrimas.

Abre o caminho

O sentinela está na porta.

Abre o caminho

Pro mensageiro passar [3]

Um grande e apertado abraço,

J.

Bibliografia



ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229–236, 2000

BACON, Francis. **Jato d'água**. 1988, óleo sobre tela, 198 x 147,5 cm. Coleção particular. Exposição: “Francis Bacon, A Beleza da Carne”, MASP, São Paulo, 22 de março a 28 de julho de 2024.

CAMARGO, Karina Acosta. **Fios de ouro no abismo**: uma cartografia do abuso sexual infantil. São Paulo: Benjamin Editorial, 2019.

CAMARGO, Karina Acosta. **Testemunhos desde a ferida**. São Paulo: Editora Patuá, 2024.

DELEUZE, Gilles. **A lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Francis Bacon: a beleza da carne. **Caderno de Fonte ampliada**. Curadoria: Adriano Pedrosa. MASP, São Paulo, 22 de março a 28 de julho de 2024. Disponível em <https://assets.masp.org.br/pdf/FB_caderno_fonte_ampliada_acessivel.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2025.

PAUTILLA, Juliana. **Exília**. São Paulo: Autopublicação, 2021.

_____. **Exília**. Direção: Juliana Pautilla. Locais de apresentação: Casa da Pau-Brasil, São Paulo, 2019; Galpão Cine-Horto, Belo Horizonte, 2021; Zap 18 Belo Horizonte, 2022; [Apresentações ao vivo].

RUFINO, L. (2021). **Epistemologia na Encruzilhada: Política do conhecimento por Exu**. Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens, 2(4), 19–30. Recuperado de Abatirá – Revista De Ciências Humanas E Linguagens.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

TELLES, Márcio. **Atotô – Silêncio! O rei está na terra**. Direção: Márcio Telles. Local de apresentação: Teatro Oficina, São Paulo, 2024 [Apresentação ao vivo].



Recebido em: 15/09/2025

Aceito em: 15/10/2025

[1] Juliana Pautilla. Juliana Pautilla (Nome Artístico). Artista, pesquisadora e psicanalista. Mestre em Artes pela UFMG (Bolsa Capes). Pós graduanda (Latu Sensus) em Sistema Laban/Bartenieff na Faculdade Angel Vianna (2013-2015). Graduada em Licenciatura em Música pela UEMG/2009. Percurso psicanalítico com foco em clínica e pesquisa transversal arte-psicanálise: Estudos Freudianos, trauma e violência de estado na REM - Rede para Escutas Marginais (2022-23). Arte e fundamentos psicanalíticos na ALCEP (Associação Livre Centro de Estudos em Psicanálise (2023-2024). Esquizoanálise, psicanálise e filosofia da diferença com João Perci Schiavon, Suely Rolnik e Peter Pal Pelbart Curso livre (2022-atual). Estudos de Gênero, com Helena Vieira (2020-2022). Formação continuada em grupos de estudos (Freud, Lacan, Deleuze, Guattari). Análise pessoal desde 2015.

[2] Zé Celso (José Celso Martinez Correa, 1937-2023) diretor e dramaturgo, fundador do Teatro Oficina. O Teatro oficina é um grupo e também um espaço teatral, projetado por Lina Bo Bardi. É um símbolo brasileiro de resistência cultural e liberdade artística. Márcio Telles, diretor da peça “Atotô – Silêncio o rei está na terra” é multiartista, babalorixá e colaborador do Teatro Oficina.

[3] Versos de Padê, música gravada por Jussara Marçal no álbum homônimo.